

BRASIL-PORTUGAL

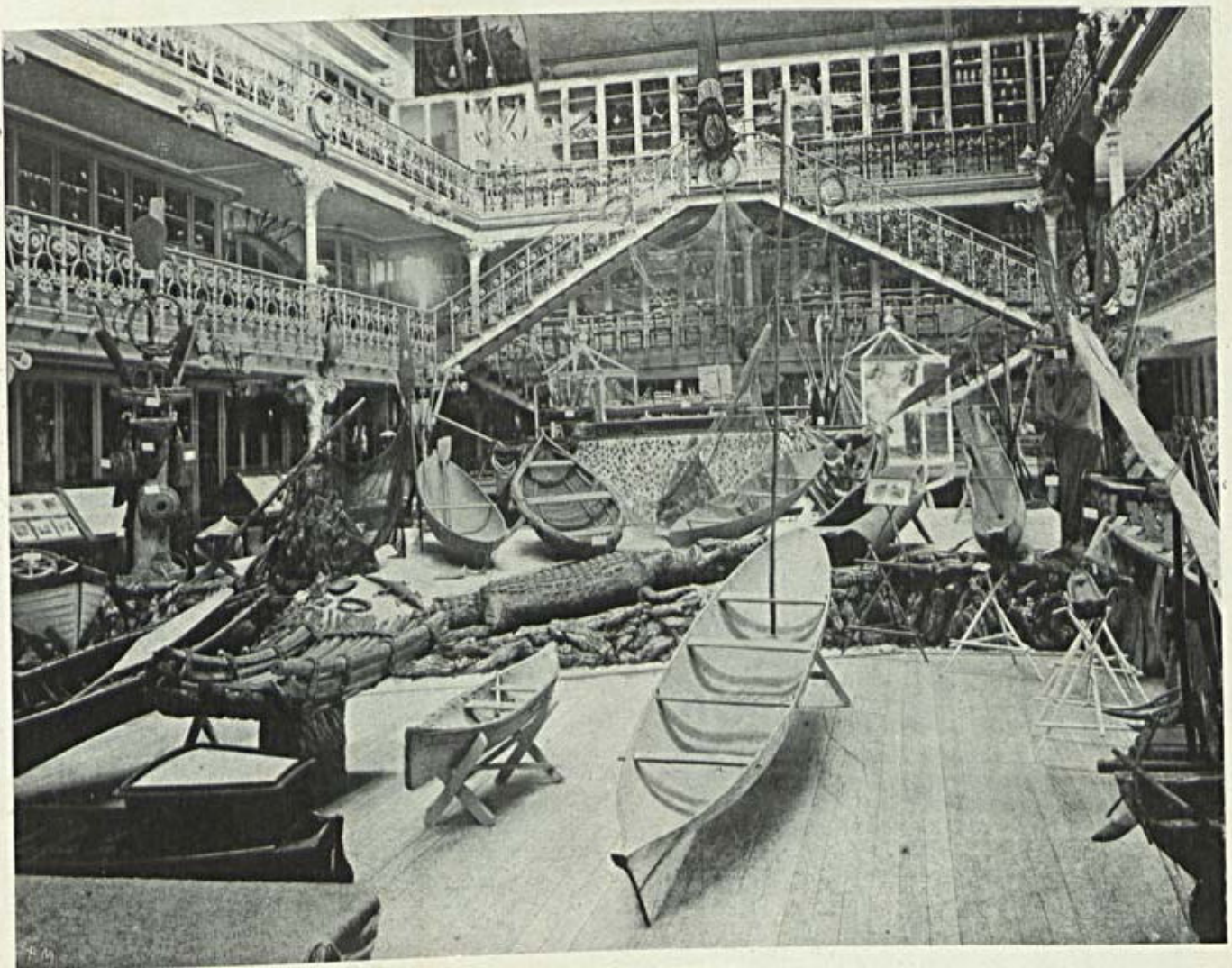
DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjô.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

16 DE OUTUBRO DE 1909

N.º 258

Na Sociedade de Geographia

Exposição de meios de transporte terrestres e fluviaes



Um aspecto da exposição

(Cliché de J. Benoliel).

Tem sido muito admirada esta curiosissima exposição que a Sociedade de Geographia installou na sua sala «Portugal». Viem-se alli todos os meios de que se servem os indigenas das nossas colonias para os seus transportes fluviaes e terrestres, taes como barcos, canoas, pangaioes, almadias, machillas, cadeirinhas chinezas, carros de junco e de bambu, rédes, físgas, arpões e outros appparelhos de pesca, albardas, freios, estribos, e muitos outros objectos todos deveras interessantes não só pela sua forma mas tambem pelo material empregado e n'alguns casos pelo trabalho de ornamentação.

FAFE



N'aquelle discurso preliminar das *Memorias do Carcere*, em que, a despeito de protestar forrar a emoções o coração do leitor, Camillo nos vae levando pela trilha que elle foi seguindo durante as semanas que andou fugido mais do proprio coração esfumeado que dos alguazis da Relação do Porto o Mestre — que não pôde ler-se sem acarear a admiração agradecida de quem fale português, — conta estas linhas em que entra por muito a amizade justa alliançada ao prazer, tão dos desgraçados, de estanciar pelo passado, incruzando a alma das rugas da saudade:

«Fui de Santo Antonio das Taipas para as cercanias de Fafe, quinta do Ermo, onde me esperava, com os braços abertos e o coração no sorriso, José Cardoso Vieira de Castro. Falseei a verdade. Vieira de Castro esperava-me a dormir, n'aquella madrugada d'elle, que era meiodia no meu relógio.

FAFE



Imagem da Senhora de Antime (Em pedra)

«Aqui estou eu agora atravessando as salas ainda em trevas, no seguimento do creado, que me conduz ao quarto de Vieira de Castro. A's primeiras palavras, que tartamudeia o meu estremunhado amigo, conheço que o somno o não deixa fazer estylo á minha chegada. A sua linguagem é caseira e correntia, toda verdade e coração, sem metaphoras nem philintismos. No *Thesouro de Meninos* não vem mais simples e sincero o: *d'estes campos que são meus, podeis forragear á vossa vontade.*

«Dei-me logo como co-herdeiro d'aquella casa, e do conteúdo n'ella; que Vieira de Castro, cá fóra, é o soberbo que sabem: em sua casa é um criado dos seus hospedes.

«A quinta do Ermo está situada no ponto mais despoetico e triste do mappa-mundi. A casa é magnifica; mas os caminhos que a ella vos conduzem são algares, barrocaes, trilhos de cabras, vielas tortuosas, e asperrosos desfiladeiros. Os pinhaes e arvoredos, que orlam parte da quinta, são infesados e desgraçados. Os largos pontos de vista, assim mesmo monotonos, é preciso ganhar-os com grande fadiga de subida. A visinhança do Ermo são casinhas de jornalheiros, que vieram alli procurar a sombra do afidalgado edificio.

«N'esta casa nasceram o desembargador Luiz Lopes Vieira de Castro, e o ministro dos estrangeiros e da marinha, Antonio Manuel Lopes Vieira de Castro. Ora vão lá inferir do local onde o homem nasce os

destinos para que nasce! D'aquella natureza tão agra do Ermo, d'aquellas duas crianças, que por alli se criaram entre matagaes, quem daria agouro de sahidas tão excellentes!

«Costumava eu sentar-me no escabello da sala de espera. No espaldar do escabello estão pintadas as insignias episcopaes, que o presbytero Antonio Manuel Lopes Vieira de Castro revestira em Vizeu, an-



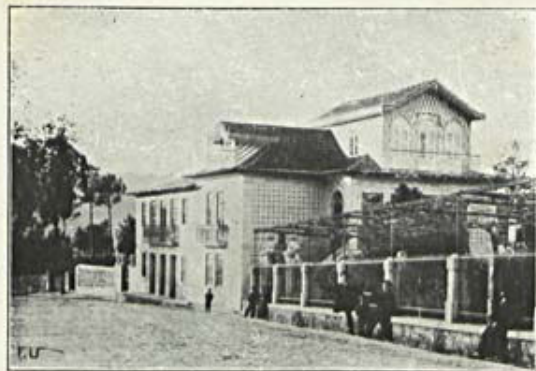
Fafe. — Santo Ovidio

tes de ser ministro. Alli é que eu scismava nos dois homens, que nunca vira, e tinha saudades d'elles e do seu tempo, como se nos houvessemos encontrado em dias de esperanças ou glorias communs. Ajudava-me á tristeza usual das minhas cogitações a pendula d'um relógio de parede, que havia já marcado, minuto a minuto, a passagem d'uma geração d'aquella familia. N'aquella mesmo ponteiro, quantas vezes os dois mancebos poriam os olhos anciando o instante aprazado para alguma das afamadas aventuras, que os velhos ainda contam á mocidade pasmada dos homens e dos costumes que lá vão para sempre!...

«E' de saber que Luiz Lopes, Antonio Manuel e José Vieira, que ainda vive, foram, em annos verdes, tres denodados jogadores de pau, e tamanho terror incutiram nas cercanias de Fafe, que bastaria a qualquer d'elles, para vencer a sua, mandar o pau e não ir, como o rei da Suecia fazia ás botas. As mais memorandas façanhas dos Vieiras tinham o seu theatro na celebrada romaria da Senhora de Antime. Ahi appareciam os tres campeadores mascarados, como era d'uso em man-



Fafe. — A egreja matriz



Fafe. — Casa do fallecido José Antonio de Bastos Azeredo ou casa da Cisterna

cebos de familia d'alto porte. As mascaras afixavam as chancas d'outros chibantes, e d'este gracejar de mau agouro procedia o partirem-se as caras por debaixo das mascaras, como se as não quizessem para outro mister, ou as sacrificassem á padroeira da romagem, como os indios se estiram sob as rodas das carroças dos seus idolos.

«A Senhora de Antime é de pedra, e pesa com a charola vinte e

quatro arrobas. Os mais possantes moços da freguezia pegam ao banzo do andor. Aconteceu, annos ha, ser um dos que puzeram hombro ao andor mal-visto dos outros, e de um principamente. Ao dobrar d'uma esquina o moço odiado sentiu-se vergar sob as vinte e quatro arrobas de pedra, e morreu instantaneamente esmagado. O principal inimigo



Fafe. — Largo D. Carlos I e edificio da Assembléa de Fafe

do morto foi logo conhecido, e varado por uma choupada, que lhe fez espirrar o sangue e a vida á charola da imagem.

«... N'esta romagem é que os Vieiras, em diferentes annos, quando moços, escreveram com o pau a sua chronica immorredoura. Quem aventaria então que do pujante Antonio Vieira sahiria o ministro dilecto da Senhora D. Maria II, o mestre dos liberaes, o amigo e conselheiro dos Passos, do Silva Carvalho, e dos mais estremados estadistas da escola



Fafe. — Rua Mgr. Vieira de Castro

robustecida na emigração, por onde elle e seus irmãos alimentaram esperanças, que viram fenecidas ainda em botão no solo da patria res-taurada!... Luiz Lopes, o desembargador, pae de José Cardoso Vieira de Castro, mal talhado pareceria então para a investidura austera, que tão a primor de lustre e honra exercitou na judicatura da Relação do Porto, e em Angra do Heroismo, onde estivera juiz de fóra, quando emigrado. José Vieira, que ainda vive, e conserva extraordinario vigor



Fafe. — Fabrica da Companhia Fiação e Tecidos

de pulso, e affoutezas, muito de respeitar, dos seus vinte annos, aqui o vimos acaudilhando as forças populares de Fafe, no tempo da Junta do Porto. José Vieira é o homem principal do seu concelho. Será deputado quem elle quizer, será absolvido pelo jury o réo que elle proteger, será intangivel das presas da justiça o culpado que as suas telhas cobrirem.

A casa dos Vieiras é a unica, que mantem ainda, a despeito da equitativa carta constitucional, as prerogativas e immunições do couto.

«O meu amigo Vieira de Castro, no que toca a jôgo de pau, é o invés completo de seus tios. José Vieira, quando fala d'elle, diz: «Isto não presta para nada; não tem mais força que um canario.»



Fafe. — Rua D. Maria Pia

«Se vinha a talho o florear um marmeleiro inoffensivo diante do meu amigo, para logo exclamava elle: «Está quieto, olha que me dás!»

«Offerece-se me cuidar que José Cardoso herdou o bravo animo de seu pae e tio; mas a educação nas alfombras, nas ottomanas, nas denguiças de aias, e infezamentos de collegios, desnervou-lhe o pulso, e intanguiu lhe o genio das proezas.

«Não me sáe de todo absurdo o systema das compensações, quando



Fafe. — Largo Conselheiro Ferreira de Mello

penso que o ardimento da imaginação e atrevimentos de linguagem de Vieira de Castro, escriptor, são, na ordem do esforço, o parallelo moral com a bravura de seus ascendentes.»

Ha tres annos que segui o mesmo roteiro de Camillo, de Guimarães a Fafe, pela estrada de carro e por um dia de outomno, como só os ha



Fafe. — Fabrica do Bogio

em Portugal, dias para se aprender a entremear os sorrisos com as tristezas.

A linha-ferrea de Guimarães-Fafe ia nos ultimos lanços, mas eu cheguei ainda a tempo de ser obrigado a gozar-me o paganismo d'aquella vagarosa jornada aberta por entre éclogas.

E ao entrar Fafe, a primeira pessoa com quem falei foi um Vieira

de Castro; o conselheiro Vieira de Castro, primo do amigo de Camillo Castello Branco.

Lá o vi conservar a mesma riqueza de aspecto e de caracter dos seus maiores, e lá o vi dominar o concelho senão tão absolutamente como outr'ora pelo menos no intermitente e concomitante absolutismo do rotativismo.

Durante as horas que alli permaneci, não cessaram de entrelembrar-me estas linhas de Camillo sobre a propriedade do Ermo, e de considerar a mysteriosa attracção que liga os grandes desgraçados, tornando-os solidarios na desgraça, fazendo d'elles reciprocos defensores, chumbando-lhes para sempre um ao outro o coração e os nomes, de modo a que relembra o futuro o nome d'um seja devolver-lhe o eco o nome do outro.

Quando Camillo perlustrou o Ermo com a sua presença alguns dias, Vieira de Castro já tinha no canbêho da sua biographia datas de luctas e de victorias. Mas ainda não se tinha aberto para elle o calendario das desgraças. Eram as pugnas da Universidade, cujas portas transpoz aos quinze annos, as demandas intellectuales que o haviam nomeado pelo paiz, o protesto da *Sala dos Capellos* no mesmo instante em que a congregação reprovava em merito absoluto Barjona de Freitas. O protesto de Vieira de Castro, ali mesmo, na *Sala*, em vibrações de independencia e de justiça, arrastou os applausos de quantos assistiam e subjugou os lentes á reconsideração, reconhecendo em Barjona merito absoluto e relativo para o admittir. Mas era preciso uma victima que substituísse Barjona de Freitas, e no dia seguinte era nomeado para a expiação o generoso paladino Vieira de Castro que a reitoria capciosamente riscava com uma perda d'anno por faltas. D'essa o livrou o governo, apoiado pelo parecer da Procuradoria da Corôa e dos mais notaveis jurisperitos. A sanha teve de largar a aguija dos dentes; agarrou-lhe, porém, com as unhas, instaurando-lhe o processo academico pelo gesto honradissimo e nobilissimo da *Sala dos Capellos*, e d'essa feita nem o governo, nem a clemencia do Rei, nem a verdade representada pelos defensores de Herculano e de Camillo houveram em si força para o arrebatar á perseguição da velhada coimbran.

Foram d'is annos de carreira cortada no 4.º anno, e «Uma pagina da Universidade» escripta em desaffronta, que o pozeram em contacto com a evidencia. Coherente e altivo, voltou ás bancadas academicas dobrados os dois annos da sentença, mas para se lá não demorar, para de lá ser perpetuamente riscado, sob pretexto de novo conflicto, com o guarda-mór, dessa vez, e sobre o trajar academico. Grato, como todos os grandes, e sentindo talvez sympathia pela vida angustiosa de Camillo, que a sua vida havia de vir a exceder em lagrimosa desgraça, Vieira de Castro sae a terreiro com o volume «Camillo Castello Branco — Noticia da sua vida e obras», querendo impô-lo á opinião, n'essa hora torva que o gigante de Seide tragou na Relação do Porto, e não logrando afinal senão indispor-se a si proprio, com essa opinião.

A sua terceira phase universitaria, que data da saída do Reitor que o expulsara, é ainda uma nova lucta, já não travada por elle que apenas adhére á *Recolta Academica* (1864) não quebrando por si a greve geral, sendo afinal elle quem vem a reconciliar com dignidade a desavença.

No anno seguinte, era bacharel, era deputado, e era cotado como o tribuno sem par a que a *Revolução de Setembro* não encontra nem na tribuna antiga nem na moderna melhores modêlos de eloquencia.

Os seus triumphos são os culpados das suas desgraças: a sua obra parlamentar é editada e Vieira de Castro acompanhando-a ao Brasil ali espalha a bondade, o talento e a gloria. Foi no Rio de Janeiro, que elle encontrou o acúme da sua carreira, foi lá também que elle encontrou o veio do seu perdimento.

Quando tornou a Portugal trazia uma corôa de ouro que lhe offereceram no theatro fluminense em que Vieira de Castro proferiu o discurso a *Caridade e sua influencia nas sociedades modernas* e trazia uma senhora pelo braço — era a sua desgraça, que se d'elle enamorára decididamente e que, tentando-o desde o berço, d'elle se apoderou, então, para só o desabracar no tumulto. Assassinada a culpada sobre provas e sobre a confissão, Vieira de Castro, com a cabeça embranquecida numa noite, não tendo mais nada a fazer da sua liberdade — desde que José Maria d'Almeida Garrett respondia, ao desafio para se bater, declarando que não dava contas ao marido porque as ia dar a Deus na clausura de qualquer mosteiro estrangeiro, — apresentou-se ás autoridades.

Encarcerado o leão, a matilha que nunca perdoa a quem quer que sobredoure o talento com a honra, atirou-se de roldão contra as grades da cadeia. E nem o respeito das pessoas de bem e de coração por tamanho drama, nem a commovida e vehemente defeza de Jayme Moniz, evitaram ao juiz o dolorido dever de lhe ler, com a voz repassada de soluços, uma sentença condemnatoria de dez annos de degredo em Africa.

Vieira de Castro só disse: «Juro-lhe pela minha vida e pela minha honra que eu seria mil vezes mais desgraçado ao ver-me agora em liberdade, sem o peso d'esta expiação que eu devo talvez a Deus e a ella; a ella, sim, em cuja memoria eu já agora posso demorar o meu espirito sem recear a vertigem da loucura.»

E, dois annos depois, o tribuno emmudecia para sempre nas homicidas plagas de Loanda.

Ainda e até a morte lhe invejando, a calumnia entrou a crear a lenda de que protecção escandalosa espalhava a noticia da sua morte do mesmo passo que o deixava refugir a bom recanto para os Estados Unidos.

Um manuscripto «Bosquejo biographico de J. C. Vieira de Castro» que o meu amigo Padre José Castro, um bom orador e um bom coração, me confiou, responde assim a essa forçada fuga para a elastica America do Norte:

«Era sem fundamento.

«De facto, o nome de Vieira de Castro adheria para sempre á pedra tumular.»

E, morta a sombra, o nome de Vieira de Castro poderá esquecer-nos em toda a parte mas, ao pisar os torções de Fafe, o talento e a sorte esquerda de Vieira de Castro salteiam-nos para logo o condoimento.

Subia ao *Jardim Publico* de Fafe cujas frondes são ainda o talento de Vieira de Castro a colmar da sombra da sua gloria a terra natal (1),

(1) Fazendo uma reedição da sua obra parlamentar, para ser vendida em favor dos cofres de instituições pias portuguezas no Brasil, uma parte d'essa tiragem foi destinada a contribuir para os melhoramentos de Fafe, o que só veio a ter execução em 1892 quando da construção do *Jardim Publico*.



Fafe. — Largo D. Luiz I



Fafe. — Um aspecto do Jardim Publico



Fafe. — Igreja em construção



Dr. Lauro Sodré
Senador brasileiro

O dr. Lauro Sodré, de quem hoje inserimos o retrato, é um dos homens que nos últimos annos mais se tem evidenciado no Brasil, pela sua intelligencia, pela sua inquebrantável força de convicções, e pela sua pouco vulgar illustração.

Militar, estadista e publicista de valor, o dr. Sodré soube impôr-se á consideração de todos os seus conterraneos, e crear uma alta situação entre os politicos do seu país.

Como passa amanhã o anniversario natalicio do dr. Lauro Sodré, e á sua festa de familia se associa o Brasil que presta sempre culto aos seus homens notaveis, o Brasil-Portugal toma parte n'essa homenagem, publicando o seu retrato e acompanhando-o d'estas justissimas palavras.

é invocal-o a elle. E por mais desaffogado que seja, e é, o amfiteatro panoramico colhido d'esse avistadouro, uma nevoa triste nos ennevôa o horizonte.

A obsequiosa recepção na Assembléa fafense, lembra-nos a hospitalidade que Camillo encontrou no Ermo.

A actividade das suas fabricas de tecidos, a visita á florescente Fabrica do Bogio avocam a actividade febril de Vieira de Castro que morrendo, de facto, aos 34 annos e sepultando o cerebro aos 32, nos deixou uma obra notavel de orador e pensador: *Republica, Colonias, Consciencia, Cartas a Samuel*, etc.

O predomínio do conselheiro Vieira de Castro na sua terra restaura-nos aquelle escabello da sala de entrada da casa do Ermo em que Camillo, descansando o corpo, assentou a rememoração da figura do ministro de D. Maria II e do irmão desembargador.

A propria anecdotica phrase *Justiça de Fafe* nos remostra melancolicamente os combates de marmeleiro que esses dois antepassados iam travar á romaria da *Senhora de Antime*, mascarados como românticos espadachins italianos do seculo xvii e nos faz considerar na força intellectual do desgraçado Vieira de Castro em que superiormente se transtornou a rijeza de pulso de seus tios.

E olhar Fafe assim lavada, muito caiadinha de fachadas, os sobrados do seu hospicio limpos a se poder comer no chão, aquelles debruns de arvores pelas praças, cômas vicejantes atalaçando os montes em cujo regaço jaz a villa, — é fitar a braneura da alma de Vieira de Castro, a limpeza do seu caracter, expondo-se nobremente á vingança e ao castigo dos homens, esse brotar de roble que foi o seu talento e a sua vida.

Fafe é alegre, é Minho, é rica, é activa, é fabril, mas ir a Fafe é recordar a tragedia de Vieira de Castro como ir a Seide é evocar Camillo, com o seu genio, a sua obra gigantesca, e o desespero da ceguidão até o suicidio.

Tanto que eu que me propunha dizer de Fafe, gastei o tempo e o espaço a quasi só escrever de Vieira de Castro.

E' que os grandes homens se alguma coisa devem ás suas terras, muito mais lhes legam: porque os grandes homens são os que representam a Patria e que a immortalisam com as suas grandes glorias e até mesmo com as suas grandes desgraças.

Aveiro é José Estevam; Lisboa é Camões e Herculano; o

Porto é O. Martins, Arnaldo Gama, Soares de Passos, Antonio Nobre; Gaya é Soares dos Reis; Seide é Camillo; e Fafe é e será sempre dos Vieiras de Castro mesmo que os regeneradores ou os republicanos cheguem a tirar todos os votos ao actual conselheiro Vieira de Castro.

1909, outubro.

Joaquim Leitão.

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

*Pasma-se das descobertas e aventuras do mano homem. Que mais pretende elle depois da descoberta do polo e da conquista da aviação? Quer ir ao polo sul e quer comunicar com Marte. Tem a certeza de que se fará entender pelos marcianos e que estes lhe responderão no caso essencial... de existirem. Um triumpho ou um par de botas? — Dois livros: o *Sermão do rev. conego Chousal, prefaciado por Fialho de Almeida*, e as *Notas de um lisboeta* por Alvaro Pinheiro Chagas.*

Eu não sei, francamente, o que reste ao bicho homem para descobrir ou inventar. Não sei. Elle já attingiu o polo norte, vestido d'urso, roendo bolachas com unto de phoca, aos tropos-galhopos sobre matações de gelo, com quatro cães á frente e dois esquimós na retaguarda. Elle já vóa. Voa a valer. Como um pardal. Não acolheitando nos hombros do frak duas azas potentes que lhe permitissem librar-se nos ares, mas commodamente sentado, dentro de uma machineta de sua invenção, que lhe obedece cegamente, como dizem os progressistas orthodoxos referindo-se á devoção pelo seu venerando e illustre chefe. Já bateu o pé em um dos polos da terra. Já sulca os ares. E não está satisfeito. E quer mais victorias. Vae descobrir o polo sul. Pretende corresponder-se com Marte...

Marte está na ordem do dia. Marte vae approximar-se da Terra brevemente, segundo dizem pessoas entendidas. E como Marte vá approximar-se da Terra, ha um sujeito, ereio mesmo que dois ou tres, que pretendem corresponder-se com os habitantes de Marte. Como? Por meio de espelhos convexos. O leitor não percebe como isso se possa fazer? Nem eu. No entanto ha quem metta hombros á tarefa, ha quem subscryva com centenaes de contos de réis para os espelhos, ha quem tenha fé nos resultados da tentativa. De maneira que, dados estes dispendios de grossos dinheiros, a fé d'estes homens e os precedentes de bichos da mesma escala zoologica cujos triumphos roem de inveja as aguas e as phocas, não é temeridade por ahí além prevêr a gente que o mais completo exito corôe a tentativa de comunicação da creatura terrena com a creatura marciana.

Entrevistado ácerca do caso, um americano (pois quem havia de ser senão um americano!) em cuja cabeça se encasquetou esta idéa da comunicação com Marte, respondeu terminantemente não ter duvida alguma sobre o exito da tentativa, a não ser que... Marte não seja habitado.

Parece que, diz o homem, um movimento de rotação dos espelhos voltados para o sol, produzirá deslumbrações clarões e simultaneamente profundas trevas em Marte. E é por este meio que se pretende comunicar com Marte. E é por este mesmo meio que se pretende obter resposta de Marte.

Ora agora pergunto eu aos meus botões: dado que Marte seja habitado, e que effectivamente se produzam os clarões e as trevas simultaneas, como pretende o engenhoso norte-americano, como demonio perceberão os de Marte que tal scena é propositalmente feita na terra, com o fim de traduzir um *estás lá ou és de Marte?* E, ainda n'este caso

Na Praia de Pedrouços

Os banhos da Assistencia Nacional aos Tuberculosos



Um grupo de creanças tomando banho

(Clichié de A. C. Lima).



Commendador Jorge de Almeida Lima

(Cliché da Phot. Parisienne — Caldas da Rainha).

O Brasil-Portugal publica ainda n'este numero algumas gravuras referentes ás Caldas da Rainha que são como que os ultimos echos da vida elegante d'este anno na lindissima estancia.

Acompanhando-as, damos tambem o retrato do sr. commendador Jorge de Almeida Lima, nosso illustre amigo e distincto collaborador photographico; cujos bellos trabalhos algumas vezes tem honrado as paginas d'esta Revista.

extremamente favoravel, como poderão os de Marte responder, sendo mais que provavel não estarem prevenidos para uma tão surpreendente eventualidade?

Demonio, demonio! Oxalá que o meu irmão em Jesus Christo ou em Darwin (já escolha do freguez) não esteja, depois de alcançar estupendos triumphos que o collocam na invejavel situação de semi-Deus, a arranjar um rico par de botas que nunca mais possa descalçar. Queira Deus, queira Deus, que estas multidões que por toda a parte saúdam commovidamente os intrepidos viajantes dos ares, não desatem de um momento para o outro, após um fatal insuccesso ao caso de communicação com Marte, a gritar entre gargalhadas:

— Que te disseram os de Marte? Olha lá, já será meio-dia em Marte? A saudinha, boa, lá em Marte?

Hum!... Longe vá o agoiro, mas eu não prevejo um successo a esta nova aventura do homem. Hum!... Entradas de leão... Enfim, eu não direi tudo o que penso porque não quero desanimar ninguém. Mas os inglezes não gostam de ver bons principios nos filhos... E o homem tem alcançado tantas victorias...

Seja porém o que Deus quizer. Isso é lá com elles... e com os provaveis marceanos.

Dois livros foram agora lançados ao mercado. Dois livros de feição inteiramente opposta. Mas ambos estão obtendo um merecidissimo e extraordinario acolhimento. Um, *Regicídio e Reguicídio*, sermão prégado nas exequias de El-Rei o Senhor D. Carlos, celebradas em Montemor-o Novo, pelo reverendo conego Chousal, prefaciado pelo eminente escriptor Fialho de Almeida; outro, *Notas de um lisboeta*, assignado por Alvaro Pinheiro Chagas, o brilhante e intrepido jornalista que dirige o *Diario Illustrado*.

O discurso do reverendo Chousal, que o colloca na curta escala dos grandes oradores sagrados, é bem o grito de uma pura consciencia, de uma lavada alma de patriota, ante uma catastrophe pavorosa que enlutando e envergonhando uma nacionalidade, mais veio aggravar os antigos males e desprestijal-a aos olhos de estranhos. Oração modelar, eloquentissima, cala profundamente no animo de quem a lê sem paixões, serenamente, livre de preconceitos sectaristas. Enfileira nobremente com essa outra obra prima de eloquencia sagrada que é o discurso proferido pelo reverendo conego Ayres Pacheco nas exequias celebradas com a mesma intenção no templo dos Jeronymos. Mas o que verdadeiramente valorisa essa brochura, que ora corre de mão em mão e é lida avidamente, merecendo o incondicional applauso de, felizmente, muita gente, é o monumental prefacio de Fialho de Almeida.

N'um trecho formidavel em que nos reaparece o antigo e inegalavel pamphletario, Fialho o menos que revela é o seu

extraordinario talento de escriptor primacialissimo. O menos! Porque o que d'aquellas paginas resalta nitida, clarissimamente, é a nobreza do seu caracter, a altivez, a independencia, a coragem, a — pode dizer-se affoitamente — abnegação com que elle se vota ás feras do jacobinismo, traçando o mais eloquente libello que se tem produzido, accusando a politicagem que para ahí tem medrado, attribuindo a quem de direito os males de que todos soffremos, quer elles sejam fructos d'uma administração inepta e venal, quer sejam a natural consequencia de uma desorientação nefasta promovida pela propaganda dissolvente da politica ultraradical.

O maior elogio d'esta magistral peça litteraria está precisamente nos furores que ella tem provocado nos alvejados. Fialho tem sido, naturalmente, maltratado. Mas não muito. Limitam-se a chamar-lhe *fallecido* escriptor.

Pois, senhores: para morto, hão-de convir que ainda bole muito razoavelmente!...

No outro volume, *Notas de um lisboeta*, seleccionou Alvaro Pinheiro Chagas os artigos que, sob a mesma epigraphe, publicou em o extinto *Jornal da Noite* e tem tido seguimento na folha que o distincto jornalista actualmente dirige com uma intrepidez e desassombro muito de louvar n'esta epoca de covardias e subserviencias deprimentes.

Os leitores do *Brasil-Portugal* conhecem sobejamente Alvaro Chagas que foi um dos mais valiosos collaboradores d'esta revista. O illustre jornalista se não herdou absolutamente de seu glorioso pae aquella elegancia que era o supremo encanto da sua admiravel prosa, guardou, intacto, do seu patrimonio, o espirito subtil que caracterisava a escripta facil do eminente polygrapho: o folhetim, a chronica, o artigo politico. Pinheiro Chagas foi, em Portugal, o que rarissimos tem sido: um homem de espirito. O filho tambem. A prova provada está n'este volume compacto que nos proporciona a mais agradável das leituras. Que rica phantasia, que estuante espirito! E' um *blagueur* encantador, Alvaro Chagas. Se em vez de escrever na famosa lingua de Camões e em jornaes para cujas tiragens chega uma ronceira Marinoni, elle escrevesse em França para um grande quotidiano, gozaria mais que a reputação que entre nós, felizmente, absolutamente ninguém lhe nega, de escriptor espirituosissimo: a sua penna garantir-lhe-ia uma fortuna.

Lê-se todo este livro de um folego. Na sua leitura uma interrupção é um sacrificio; o termo d'ella um desgosto. Fica-se bem disposto com tudo aquillo. A prosa é fluentissima, despretenciosissima, brotando de todas as linhas um fio de graça, como que a prender-nos a attenção, a convidar-nos a reler. E tudo é sereno, arejado, limpo — sem macula de maldade, sem intuito de aggressão, revelando fino espirito e bom caracter.

Sinceramente digo isto e sinceramente recommendo esta leitura — com a sinceridade de quem, para a gozar, esportulou seis tostões que nunca serão chorados!

CAMARA LIMA.

O modo, áparte a hypocrisia, é a expressão das interiores impressões; a moda, a expressão das exteriores.



Os filhos da sr.^a D. Honorina de Moraes Amado e do illustre e já fallecido musico o dr. Hydio Amado netos do Visconde de Moraes e do dr. Silva Amado

(Cliché da Phot. Parisienne — Caldas da Rainha).

O culto da Virgem Maria em Portugal



culto de Nossa Senhora em Portugal, data do começo da monarchia. E antes já na cidade de Braga, então cabeça da provincia de Galliza, S. Pedro de Rates, discipulo de S. Thiago, fundára um templo, o primeiro que em Hespanha dedicára a Nossa Senhora.

O territorio comprehendido entre o Porto, Guimarães e terra da Feira, denominava-se: Terra de Santa Maria.

D. Affonso Henriques escolheu a Senhora do Claraval (Clairvaux), em França, para padroeira do reino, doando-lhe e offerecendo-lhe os coutos de Alcobaca, que comprehendiam treze villas e alguns

logares. Tambem fez sujeição do bispado de Leiria á Senhora da Pena que era venerada no seu castello. Recuperando Santarem do poder dos mouros, fundou a egreja collegiada d'Alcaçova.

D'ahi em diante os monarchas d'este paiz protegeram e animaram de tal modo a fundação de casas religiosas e com especial dedicação a

Martha, fundado por el-rei D. Sebastião, como recolhimento para filhos orphãos de creados seus, victimas da peste; o de Nossa Senhora da Encarnação, da ordem de Aviz, fundado pela infanta D. Maria, filha d'el-rei D. Manuel; o de Nossa Senhora d'Odivellas, fundado por el-rei D. Diniz; o de Nossa Senhora do Bom Sucesso, junto a Belem; o de Nossa Senhora das Mercês, do recolhimento da rua Formosa; o de Nossa Senhora da Esperança, fundado por D. Isabel de Mendanha.

Das quarenta e tres paróchias, treze tambem eram dedicadas a Nossa Senhora, podendo notar-se a de Nossa Senhora da Assumpção da Sé metropolitana, onde se contavam treze altares para o mesmo culto, sob diversas invocações, sendo a titular mandada fazer por D. Affonso Henriques; a de Nossa Senhora dos Martyres, primeira freguezia de Lisboa, depois da sua restauração do poder dos mouros, fundada pelo mesmo rei; a de Nossa Senhora da Conceição dos clérigos da ordem de Christo; a de Nossa Senhora do Socorro, fundada por Agostinho Francisco de Mendonça e outros comparchianos; a de Nossa Senhora do Loreto, dos italianos, junto ás portas de Santa Catharina; a de Nossa Senhora dos Anjos; a de Nossa Senhora das Mercês, na rua Formosa, fundada por Paulo de Carvalho; a de Nossa Senhora do Paraíso, transferida do mosteiro de Santos para defronte das portas da Cruz, por Diogo Pereira.

As ermidas eram numerosas, comprehendendo as muitas estabelecidas por quintas e casas de campo com portas publicas.

Para estas fundações concorriam brilhantemente as pessoas da nossa primeira nobreza, inspirando assim esses elevados sentimentos de ar-

Nas Caldas da Rainha

Um chá no Parque das Faianças organizado devido á iniciativa da sr.^a Viscondessa de Sacavem (D. Mathilde)



Da esquerda para a direita: Sr.^{as} D. Maria do Carmo de Almeida Lima, Viscondessa de Sacavem (D. Mathilde), D. Conceição do Casal Ribeiro de Carvalho, D. Maria Margarida Franco de Machado Santos, D. Henriqueta de Campos Ottolini e D. Luiza d'Aboim Amado, D. Jorge de Menezes, sr.^{as} D. Marianna do Casal Ribeiro de Carvalho, D. Maria José do Casal Ribeiro de Carvalho, D. Honorina de Moraes Amado e D. Zulmira Franco Teixeira (Falcarrreira), Luiz da Veiga Ottolini.

(Cliché da Phot. Parisienne — Caldas).

Nossa Senhora, que no começo do século XVIII, só dos quarenta e seis conventos de religiosos existentes em Lisboa, vinte e cinco eram da sua invocação, dos quaes chegaram aos nossos dias, entre outros, o de Nossa Senhora da Graça dos eremitas de Santo Agostinho; o de Nossa Senhora do Monte de S. Gens, sujeito ao convento da Graça; o de Nossa Senhora da Penha de França, fundado pelo devoto Antonio Simões (em ermida) e augmentado pelos padres de Santo Agostinho; o de Nossa Senhora da Boa Hora, fundado pela rainha D. Luiza da Gusmão, quando instituiu a ordem dos Agostinhos descalços, sendo o local nas Fangas da Fari-nha, no fim da rua nova do Almada; o de Nossa Senhora de Jesus dos Cardaes da seraphica Ordem Terceira; o de Nossa Senhora da Conceição da Convalescença, de Santo Antonio dos Capuchos, dos carmelitas calçados; o de Nossa Senhora do Vencimento do monte do Carmo, fundado por D. Nuno Alvares Pereira; o de Nossa Senhora do Rosario de dominicos irlandezes, ao Corpo Santo; o de Nossa Senhora do Desterro, fundado pelos padres Bernardos; o de Nossa Senhora da Estrella, collegio da ordem de S. Bento; o de Nossa Senhora de Belem ou do Restello, da ordem de S. Jeronymo, fundado por el-rei D. Manuel.

Dos trinta e seis conventos de religiosas e recolhimentos de mulheres, existentes, dezoito eram tambem da invocação de Nossa Senhora, dos quaes se apontam o de Nossa Senhora da Madre de Deus, em Xabregas, fundado pela rainha D. Leonor, mulher de el-rei D. João II; o de Nossa Senhora da Annunciada, da ordem de S. Domingos, fundado pela mesma rainha o de Nossa Senhora da Natividade das Urbanas, a Santa

dente patriotismo que faziam dos portuguezes uns verdadeiros heroes.

D. João I, invocando a Mãe de Deus, vence a notavel batalha de Aljubarrota e em cumprimento das promessas feitas, começa a fundação do convento de Nossa Senhora da Victoria da Batalha.

Sob a protecção de Nossa Senhora do Restello parte Vasco da Gama para o descobrimento da India, em cuja memoria se fundou o mosteiro dos Jeronymos, de Belem, grandioso padrão das glorias nacionaes e primoroso specimen da architectura manuelina.

D. João IV em homenagem e devoção a Nossa Senhora manda jurar o mysterio da sua Conceição em 28 de junho de 1646 na Universidade de Coimbra.

D. João VI institue a ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, por occasião da sua aclamação.

Affonso d'Albuquerque na volta da conquista de Malaca, funda em Gôa a egreja de Nossa Senhora da Serra, a que depois se juntou um recolhimento para donzellas e orphãos.

Mathias d'Albuquerque funda o convento de Nossa Senhora do Cabo, na mesma cidade de Gôa.

Paulo Dias de Novaes funda em Massangano a egreja de Nossa Senhora da Victoria, em reconhecimento da victoria que alcançou contra o rei d'Angola.

D. João I funda a egreja de Nossa Senhora d'Africa, em Ceuta, cuja imagem levára de Lisboa, pela tomada d'aquella cidade africana; egreja

onde depois fizeram oração, antes da conquista de Tanager, seus filhos D. Henrique e D. Fernando, e antes da conquista de Alcacér-Ceguer e Arzilla, el-rei D. Afonso V.

D. Lourenço d'Almeida fundou a igreja de Nossa Senhora da Victória, de Cananor, pela victoria que alcançou contra os barbaros malabares.

O padre João de Deus erigiu um hospital em Cochim, na ermida de Nossa Senhora dos Anjos.

Outros muitos tinham particular devoção com a imagem da Virgem Maria, que invocavam sempre nos arriscados lances de que sahiam triumphantes.

Emfim, na Persia, China, Japão, Arabia, etc., são os padres da Companhia de Jesus, entre elles S. Francisco Xavier, o apostolo das Indias, são os das ordens de Santo Agostinho, S. Domingos e outras que levantam egrejas a Nossa Senhora, e com a eloquencia da sua doutrina convertem á religião christã milhares de gentios.

Em nossos dias, as romarias da Beira, do Minho e d'outras provincias, os cirios e as procissões que, principalmente no estio, percorrem o paiz em todas as direcções, a confiança que inspira a milagrosa intervenção de Maria Santissima nas supplicas dos peccadores, os estabelecimentos civis, populares ou industriaes, que lhe são consagrados, attestam o fervoroso culto dos filhos de Portugal, para com a imagem de Nossa Senhora, culto que affirma ou radica poderosamente o amor á patria, á familia e á instrução, sentimentos que são a expressão mais verdadeira e a garantia mais segura da independencia das nações.

Leandro Pinheiro de Mello.

As dansas sagradas

«Os cantos d'um poema são mais eloquentes do que simples palavras, a musica é mais expressiva do que os poemas, a dansa é mais expressiva do que a musica: por ella a essencia dos deuses é

visivel e communica-se aos simples mortaes, por ella os sentimentos do homem tomam a forma de objectos animados».

Assim se exprime com lyrismo a respeito da dansa um poeta oriental.

Com effeito, enquanto que para nós a dansa não é mais do que uma occasião de mostrar attitudes elegantes e graciosas, na antiguidade, no Egypto, na Grecia, as dansas eram associadas a todas as cerimoniaes religiosas e politicas; ellas symbolisavam todo o mundo de idéas e de sentimentos; ellas davam uma forma viva e concreta ás concepções sagradas, traduziam as paixões da multidão que as contemplava.

Ainda assim succede nas terras da India, da Indo-China, da Malasia, da China, onde tudo é immutavel. Adoradores da contemplação immovel, do sonho mudo, os persas do Extremo Oriente gostam de encontrar no desenrolar silencioso das dansas rythmadas por uma musica sempre igual e como que em surdina, a imagem das concepções impressivas e vagas que lhes povoam o cerebro. Por isso a choreographia extremo-oriental é mito particular.

Os movimentos vivos, rapidos, são muito raros; os gestos são poucos, e a dansa é antes uma serie de attitudes variadas, lentamente modificadas. Em summa é menos uma dansa, de que uma mimica.

A dansa no Extremo-Oriente servia ao principio para illustrar a historia religiosa, para evocar aos olhos dos fieis as aventuras de deuses, taes como Brahma e Vichnu. Na India, não ha nenhuma cerimonia religiosa sem dansas sagradas, que são executadas nos templos, no mais recondito dos santuarios e sómente na presença dos iniciados.

Ahi, entre as columnas cobertas de esculturas, sob os baixos relevos gigantescos representando seres chimericos nascidos da imaginação deformadora da Asia, velam monstruosos idolos de marmore negro ou pintados de purpura e flammeantes de dourados. As sombras das columnas dissimulam as feições horrendas ou cruéis d'esses idolos medonhos, a cujos pés se amontoam as offeras, os corpos dos animaes sacrificados, enquanto os perfumes ardem subindo pelo templo em nuvens embriagantes.

Algumas lampadas tremulas illuminam apenas esses asylos mysteriosos e aterradores. De subito pelo ar passam os sons de uma musica lamentosa misturados de sonoridades graves. Na meia claridade do templo, que mal deixa ver os rostos dos adoradores como

Nas Caldas da Rainha

Um chá no Parque das Faianças



Na primeira fila: Sr.^{as} D. Luiza de Aboim Amado, Condessa da Borralha, Viscondessa de Sacavem (D. Mathilde), D. Maria Eugénia Ottolini, D. Maria do Carmo de Almeida Lima, D. Maria Antonia Ottolini, D. Maria do Carmo de Andrada Pinto. Na segunda fila: Joaquim da Silva Mattos, Visconde de Sacavem (José), sr.^{as} D. Henriqueta Coel'lo de Campos e neta, D. Conceição do Casal Ribeiro de Carvalho, D. Maria Margarida de Machado Santos, D. Honorina de Moraes Amado, D. Zulmira Franco Teixeira, D. Theresza Bello, Conde da Borralha e D. Jorge de Menezes. Na terceira fila: Mademoiselle José Amado, D. Henriqueta de Campos Ottolini, D. Theresza de Almeida Bello, Luiz Ottolini, sr.^{as} D. Maria José do Casal Ribeiro de Carvalho, D. Emilia de Almeida Bello e Antonio do Casal Ribeiro de Carvalho.

(Cliché da Phot. Parisienne—Caldas da Rainha).

que mergulhados n'um extasi, apparecem umas creaturas, as dansarinas sagradas do templo.

Com roupões de seda, envoltas em véos de gaze ligeiro, as dansarinas trazem no collo, nos braços, nas mãos joias que scintillam na sombra, pesadas placas de ouro cobertas de inscripções ou delgadas cadeias. Nos cabellos soltos entremeiam-se flores de jasmim e de lothus. Então com gestos, com contorsões do corpo, com movimentos muito lentos, em que se precipitam com phrenesi, ellas exprimem as metamorphoses do deus, os milagres que elle fez, todos os mysterios de uma religião extraordinaria e confusa.

As dansarinas sagradas pertencem á ordem das *Devadhazis*, ou esposas dos deuses. Recrutadas entre a mais alta casta hindu, ellas são, desde a infancia, creadas nos templos e educadas para a dansa. Não só a sua vista e o espectáculo dos seus deuses são cuidadosamente vedados aos europeus, mas ainda aos hindus que não pertencem

tillam, e por vezes, tem-se como que a impressão de um conjunto de faixas luminosas de cores variadas ondulando pelas salas.

Como a dansa tem por effeito despertar em nós commoções que differem segundo o rythmo d'ella, era inevitavel que a utilisassem com o fim de suggerir nos espectadores o impeto bellicoso. Sempre assim foi, e ainda assim é em todos os povos de civilisação primitiva.

Far-se-ha uma idéa d'essas dansas guerreiras pela dansa do *Kriss* que, hoje, nas povoações das ilhas malaia, logo que uma revolta rebenta, é o signal do massacre e das mais horribes atrocidades. As dansarinas volteiam com phrenesi, por entre o fracasso de instrumentos musicaes ensurdecedores e de gritos selvagens.

Com as feições contrahidas, brandem por sobre a cabeça o *kriss* malaio cuja longa lamina afiada luz, scintilla n'um rapido relampago e parece envolvel-as n'um circulo de aço que gira vertiginosamente simulando as paixões mais selvagens, avançam ameaçadoras; as

Uma "matinée," em casa do dr. Augusto Cymbron nas Caldas da Rainha



As sr.^{as} D. Margarida e D. Leonor Avellar de Aguiar na peça «Rosas de todo o anno»

(Cliché de Francisco Mathias, amador).

cem a certas castas religiosas. Nunca essas creaturas sahem do santuario a que foram consagradas.

A confraria das dansarinas sagradas comprehende uma outra classe: a das *Sutradhazis* ou *Nautchins*. Estas ultimas dansam tambem nos palacios dos rajahs e dos grandes personagens indigenas, nas festas dos casamentos, nas grandes cerimoniaes, e algumas vezes mesmo em casa dos mais importantes funcionarios inglezes. Recebem então uma retribuição, sempre muito elevada, que entregam no thesouro do templo.

Estas dansas ou *nautchs* são rythmadas pela musica. Quatro ou cinco musicos sentam-se em circulo n'um tapete e começam tocando. Enquanto fóra do templo, é uma dansa sagrada que as dansarinas executam e o assumpto é sempre qualquer episodio das lendas divinas.

Como é á noite que se realisam essas *nautchs*, as joias das bailadeiras, o ouro que as cobre e a prata que lhes borda os fatos, scin-

tuam e por vezes, tem-se como que a impressão de um conjunto de faixas luminosas de cores variadas ondulando pelas salas.

Outras vezes, na dansa do arco, por exemplo, as dansarinas simulam entre si um combate. Com um arco na mão precipitam-se umas contra as outras, lançam-se mutuamente frechadas de pennas, e um delirio selvagem apodera-se d'ellas e dos assistentes.

Na China, no *Ping-Vu*, dansa dos escudos, e no *Ta-U*, dansa dos guerreiros, que fazem parte de certas cerimoniaes, os dansadores, envergando vestidos de cores vivas, em que estão pintados dragões e outros animaes phantasticos, com chapéus cheios de plumas, com o rosto pintado com desenhos aterradores, agitam-se batendo ruidosamente n'um escudo de bronze com uma lança ou um sabre.

As musicas fazem uma bulha atordoante; os dançadores, animados por essa bulha, soltam gritos guturais, e em breve a dança se transforma n'uma sarabanda infernal.

Uma outra d'essas danças guerreiras chinezas, o *U Wang*, é um verdadeiro bailado, cujas phases descrevem a lucta de um imperador contra os revoltados; a agitação dos insurrectos, a partida das tropas imperiaes, a confusão da batalha, o massacre, os gritos dos moribundos, a fuga dos vencidos, o triumpho do imperador.

Mas — é necessario dizel-o? — essas danças, que outr'ora na China marcavam o inicio de uma expedição guerreira, não são hoje mais do que simples representações theatraes, que em nada despertam as paixões bellicosas. Essas danças servem hoje apenas para realçar o brilho de uma festa dada pelo Filho do Céu, ou por qualquer alto mandarim.

De resto assim succede em quasi todo o Extremo-Oriente. Muitas danças, outr'ora religiosas ou guerreiras, subsistem ainda hoje, mas apenas a titulo de espectáculos profanos. E' o caso da antiga dança sagrada das *sarangas* javanezas que, como divertimento, appareceu na exposição de Paris, em 1889.

Nos tempos idos, essas dançarinas javanezas faziam parte de um templo, como as *Devadhazis* indianas. Agora formam tropas analogas ás dos comediantes, sob a direcção de uma antiga dançarina, ou de um indigena que serve de empresario, e vão representar as suas pantomimas em casa dos rajahs da ilha e dos funcionarios holandezes.

Delicadas de formas, com a coloração bronzea clara da sua tez, com o seu rosto serio e impassivel, com os seus vestidos de estofos bordados a ouro, ou placas de lata, as dançarinas javanezas parecem pequenos idolos carregados de joias, de collares, de braceletes e de brincos.

Em frente dos palacios dos principes indigenas, sob os peristilos de uma singular architectura, nas vastas salas de recepção onde frescos evocam em pinturas vivamente coloridas os deuses á sombra de gigantescos baobabes nos jardins cobertos de luxuriante vegetação tropical, os seus movimentos rythmados tem um estranho encanto.

O som lamentoso de uma pequena flauta ergue-se em meio do silencio e as dançarinas ao som d'essa musica melancolica, infinitamente monotona, erguem-se n'uma attitude hieratica, como convém ao seu aspecto de pequenas divindades; elevam os braços, deixam-nos cahir, estendem-nos, depois cruzam-nos, enquanto se balançam sobre as pernas. E esses movimentos repetem-se durante a dança indefinidamente. Por vezes as *sarangas* dão-se as mãos, e dançam assim unidas, parecendo uma grinalda de flores mal desabrochadas.

No Japão, nas festas solennes, pequenas *geishas* com grandes vestidos de seda enfunada, sob as quaes quasi desaparecem, com altos penteados atravessados com alfinetes com bolas de ouro, dançam bailados que perpetuam a memoria de tal deus, de tal semi-deus, ou de tal heroe lendario. Não tem esse bailado qualquer sen-



O edificio do novo lyceu da zona oriental

(Cithé de J. Benoit).

Este novo estabelecimento de instrucção, edificado no sitio do Matadouro, va ser brevemente inaugurado. Além de casas proprias para as diversas aulas, o novo lyceu possui amplos pateos para recreio, um enorme gymnasio, piscina de natação, refeitório, uma avenida destinada a exercicios militares e tudo enfim quanto pode ser exigido n'um estabelecimento de tal ordem.

A elaboração do projecto foi confiada ao architecto sr. Ventura Terra.

Como se obteem as essencias das flores

Colhem-se as flores de manhã quando estão enxutas de orvalho, limpam-se, expõem-se ao sol, quando se trata de flôres de cheiro muito activo; mettem-se ás camadas dentro de uma caixa de folha de flandres com algodão em rama humecido em oleo de amendoas doces puro e sem cheiro: cada camada de flores deve ser seguida de uma camada de algodão, comprime-se o conteúdo da caixa por meio de uma pedra liza ou uma placa de chumbo pesada que obrigue as flôres a communicar ao oleo as suas partes aromaticas.

Fecha-se a caixa hermeticamente e colloca-se sobre o fogo ou local quente durante 7 ou 8 dias, ao fim dos quaes se espreme o algodão que deve conter o oleo aromatisado pelo contacto com as flores.

O oleo assim preparado pode ter applicação em pomadas e obtem-se essencias de notavel suavidade, tendo em contacto 60 a 90 grammas

A guerra entre a Hespanha e as tribus do Riff



O esquadron de caçadores de Affonso XII em marcha para o acampamento depois d'uma carga contra os riffenhos

timento religioso, mas a lenda conserva-lhe um encanto pueril e delicioso. Tambem são vulgares no Japão as danças cujo assumpto mostra bem a graciosa imaginação do povo japonês, a dança das borboletas, a das flores, a da chuva, a do chá, a dos leques, etc.

Muitas d'essas curiosas danças do Extremo-Oriente são conhecidas pelos europeus que as viram em exposições, em representações theatraes, ou em gravuras. Mas d'ellas se não pode ter uma impressão exacta senão vendo-as nos paizes que as cultivam.

E' lá, n'esses paizes conservados durante tantos seculos fieis aos costumes do passado, que essas danças despertam tão variadas recordações, tantas sensações accumuladas durante seculos e que produzem as mais perturbantes impressões.

d'este oleo com espirito de vinho puro durante alguns dias. Depois separa-se o oleo e filtra-se o alcool.

Conversavam duas creadas. Uma d'ellas queixa-se amargamente de não poder fazer o seu gancho nas compras.

— Dás contas todos os dias, vintem por vintem?

— Não, filha, e n'isso é que está o meu desgosto. Nunca dou contas, porque os patrões comem sempre fiado.

— Então arranja outra casa onde não te roubem. Sempre ha gente muito ordinaria!



José de Sousa Monteiro

† em 12 de outubro de 1909

Algumas paginas de um dos ultimos numeros do Brasil-Portugal eram consagradas ao conselheiro José de Sousa Monteiro cujas grandes qualidades de escriptor, de poeta, de conhecedor profundo da lingua portugueza, eram postas em relevo na prosa correcta e elegante de uma illustre collaboradora d'esta Revista, a sr.^a D. Maria O'Neill.

Mal diríamos então que, passados poucos dias, tínhamos de traçar no mesmo jornal em que o seu nome fora consagrado estas palavras singellas, mas pesadas e tristes, registando a sua morte.

Succumbiu a uma syncope cardíaca, no dia immediato áquelle em que acabava de rever as provas de um trabalho litterario que tinha entre mãos, como se n'estas horas finais da sua vida o Destino caprichasse em provar que o que mais o encantára e seduzira era a Arte, a Litteratura, na sua mais nobre e pura concepção.

Academico de merito, trabalhador incansavel, prosador vernaculo, escriptor de theatro, critico erudito, poeta de raro sentimento e de forma requintadamente parnasiana, romancista de valor, funcionario integro e prestantissimo, poderoso auxiliar, como chefe dos servicos diplomaticos, de todos os ministros que nos ultimos annos tem sobrapado a pasta dos estrangeiros, homem de bem, homem de coração, timbrava em realçar tantos meritos á luz da mais acendrada crença religiosa.

No ministerio, na Academia, nas letras portuguezas, deixa o conselheiro Souza Monteiro uma vaga que difficilmente será preenchida.

Ao luto da familia que pranteia a sua morte, á dor que por tamanha perda devem sentir n'este momento todos os intellectuaes da nossa terra, do coração se associa o Brasil-Portugal.

CANTARES

A carta que me mandaste,
Abri-a com pouco geito
Trazia o teu coração,
Cahiu-me dentro do peito.

Dei-lhe então ali abrigo;
Mas não lhe cabendo os dois
Mando-te o meu, e comigo
Ficará o teu depois.

Vou enviar-te uma pena,
Dona do meu coração,
Porque são penas tão só,
As prendas que tenho á mão.

Se tu, as penas que tenho,
Queres ao certo sabel-as,
Olha á noite para o céu,
Põe-te a contar as estrellas.

Fernandes Costa.

Semana d'outomno de 1909

REGATAS EM CASCAES



Canôa «Alleluia» do sr. J. de Franco Mattos
(1.^a premio da 2.^a classe)



Largada dos «yachts» de recreio



Largada das canôas monotypos



Corrida das canôas de picada

(Clicks de A. C. Lima).

No domingo, 10 do corrente, realisou-se em Cascaes um grande festival nautico cuja organisação e direcção foram confiadas ao Real Club Naval. O festival fez parte d'um programma de sport sob a denominação geral de Semana d'Outomno de 1909.

Foi em honra do Senhor D. Manuel, commodoro, Sua Alteza o Senhor D. Affonso.

As quatro gravuras que publicamos representam interessantes aspectos d'algumas das corridas.



O banquete oferecido em Londres pela Associação Britânica aos membros da Conferência Internacional da Imprensa

A Conferencia Internacional da Imprensa em Londres

Entre as festas grandiosas com que os jornalistas inglezes receberam os representantes das associações de toda a imprensa mundial salientou-se pela grandeza e pelo brilho, que lhe imprimiram oradores como o ministro dos Estrangeiros da poderosa nação ingleza, o banquete realizado na imponente sala de banquetes do Hotel Cecil, e que foi coroado por uma gentileza da rainha Alexandra: uma preciosa offerta com o seu nome ás senhoras que ali se encontravam.

Nunca mais se apagará da memoria dos membros da Conferencia a visita ao sumptuoso castello do Windsor, que tantas riquezas e maravilhas de arte accumula, e onde o Rei offereceu um luncheon aos seus convidados, as visitas ás grandiosas e elegantes praias de Brighton e Bournemouth onde os conselhos municipaes prepararam recepções magnificas, a Stratford-on-Avon onde, no mais intimo recolhimento, visitaram a casa humilde em que nasceu Shakespeare, o seu tumulo e o precioso museu que encerra as primeiras edições de todas as suas obras, e guarda religiosamente alguns dos objectos usados em vida pelo maior tragico da Inglaterra.

Salientou-se entre essas recepções pela opulencia, pelo encanto, aquella que prepararam os condes do Warwick no seu castello feudal, o mais antigo da Inglaterra onde se conservam todas as lembranças dos reis e rainhas que o habitaram e ao qual dá um tom, ao mesmo tempo severo e gracil, o busto formoso e senhoril da condessa, a grande dama que tão alta influencia exerceu na corte de Londres, e que no mais puro francez, em uma das alamedas do vasto parque de Warwick, ao lado de seu marido e de seus filhos, agradeceu com um inolvidavel encanto a visita que faziam a sua casa os jornalistas vindos de todos os pontos do globo.

Tiveram subida importancia as sessões da Conferencia, em que se versaram questões do maior interesse para a classe, como a responsabilidade jornalística, e o anonymato na imprensa, em que foram discutidos e approvados os estatutos do congresso, e decidido que o immediato se celebrasse em Roma.

O *Brasil-Portugal* reproduzindo hoje o banquete da Imprensa, no qual um dos seus directores representou a Associação dos Jornalistas de Lisboa a cuja direcção pertence, recorda o acolhimento bizarro com que a cidade de Londres honrou as suas tradições hospitaleiras e saúda a mais poderosa nação da Terra, que tão alto sabe alliar á vastidão dos seus recursos a fidalguia dos seus sentimentos.

AFRICA ORIENTAL

Districto de Moçambique

Junto á povoação do regulo Mupera, a quarenta kilometros do Mossuril, veem-se seis das cincoenta e tres caveiras que em maio de 1909 o regulo ali tinha espetadas em circulo limitando a clareira onde elle faz justiça. Auctorisação para as enterrarmos nunca pudemos obter.



..... E todas essas creaturas amarellecidas pelas febres e pelo sol que não perdoa, vestindo uma farda que os distingue, lhes faz perder a individualidade, para as generalisar n'um todo que é a familia militar, toda essa rapaziada de vinte annos mas precocemente envelhecido pelo clima, todos se veem obrigados á constante vigilancia em paiz inimigo, as armas na mão para segurança da propria vida e defesa da bandeira que cobre os parapeitos da terra em que se isolaram. Nem sequer um pouco de gloria para as confessar! Isso é só para as grandes columnas que custam caras e precisam justificar-se. Gloria não, porque muito longe, ainda para lá do Equador, n'um cantinho da Eu-

ropa por que todos esses exilados anseiam como a terra de promissão, vivem, á sombra das arcadas das repartições publicas mal informadas aquelles que nunca sahiram da cidade com o seu conforto e julgam pacificadas terras onde os postos são atacados, as escoltas desarmadas pelo gentio e ás vezes, — de quando em quando para nos não esquecermos de que no interior apenas somos tolerados, ás vezes brancos trucidados em morte lenta que não vingamos.

Jorge de Castilho
Alfere de infantaria

Trabalhos de Raphael Bordallo Pinheiro



Christo em casa de Amnáz

A nossa gravura representa um dos nove grupos das cenas da Paixão de Jesus Christo que o grande artista Raphael Bordallo Pinheiro modelou, a convite de Emygídio Navarro, quando ministro das obras publicas, para substituir os antigos barros das capelinhas do Bussaco. Estes grupos que se encontravam armazenados e em risco de se inutilisarem, figuram hoje, graças aos esforços de Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, n'um dos pavilhões do parque das Caldas. São verdadeiras obras primas que todos devem admirar.

Saudes

Eu bebo á tua voz, ao teu sorriso!
Aos teus olhos sensuaes e scismadores!
A' tua bôcca, porta do paraizo,
Que, matando de amôr, só quer amôres!

Eu bebo ao gesto teu, á tua graça!
Mas não, filha, enganei-me. Não é isto...
Estas velhas ternuras têm traça.
Tudo quanto te digo é já tão visto!

Venha outro copo em que transborde o vinho.
Bebo á saude de quem mais amar!
A' tua voz, Maria, ao teu sorriso
Que tem o dom de sempre me enganar.

Não é censura. E' gratidão, querida.
Sem ti não saberia o que é soffrer.
E ficava-me assim do que é a vida
Uma parte essencial por conhecer.

N'esta paixão, tão loucamente ardente
Que em turbilhões o sangue me arrebatava
Julgo que estarei prezo eternamente
Ao fôlho azul da tua longa bata.

E tenho pena, (porque o não direi?)
De me vêr reduzido a tal papel,
Pois podia ignorar tudo o que sei
E passar afinal por bacharel.

Até que emfim! Eu bebo á vida alegre,
Ao sol ridente das manhãs do estio!
E porque em mim de vez o gozo integre
Sequei o pranto que corria em fio.

Bebo ao meu pensamento, que inda pôde
Dar-me horas delirantes de alegria!
Porque as desillusões todas sacóde
E veste-te com rica phantasia.

De tudo que desejo e tu não tens,
Delicadeza, sentimento, vida,
Paixão ardente... O' melhor dos meus bens,
Com teus defeitos todos, como és querida!

E descuidado, alegre, e sorridente
Bebo da vida á face côr de rosa.
Fitando-a, acabarei serenamente
Como se ella não fôsse mentirosa.

Eu canto a vida alegre, — até que emfim!
Saúdo a primavera, o estio, a flôr...
Saúdo o proprio mal que existe em mim
E mudo em riso o que era ha pouco dôr.

Inda uma vez: Ao teu gentil sorriso...
Aos teus olhos sensuaes e scismadores...
A' tua bocca, porta do paraizo,
Que o amôr mata semeando amôres.

E bebeu tanto o pobre treloucado,
Tanta saúde fez e retribuiu,
Que sendo, sobre a terra um deslocado,
Achou logar no chão e lá dormiu.

Maria O'Neill.

ASSUMPTOS COLONIAES

Typos africanos



Typos da Jinga



Typos do Mussuco — Regresso das lavras



Typos da Jinga

Alguns jornaes de Londres tomaram a iniciativa de uma «Liga contra o barulho» e para a formarem chamam toda a gente farta do bulcio constante d'aquella capital que, como é sabido, é a exposição permanente de centenaes de fanfarras, sinos, realejos, etc., etc.

As folhas religiosas apoiam o movimento, propondo ainda a supressão dos cães que uivam constantemente e dos pianos em que se praticam exercicios de cinco dedos desde manhã até á noite.

Os inglezes teem grandes... ideias!

Theatros

Principe Real. A questão dos venenos (L'Affaire des poisons), peça em 5 actos e 6 quadros, original de V. Sardou, traducção de Accacio Antunes e Marçal Vaz. — **Trindade.** — **Colyseu dos Recreios.**

Com um ar muito limpo, bem illuminado, um belle sexteto e outros melhoramentos que o tornam mais confortavel, abriu no dia 1 de outubro as suas portas o **Principe Real**, para inauguração da época de inverno de 1909-1910, com a peça de Sardou — *L'Affaire des poisons*.

Esta, como quasi todas do mesmo auctor, vive exclusivamente da acção, das situações inverosímeis, dos *trucs* á maneira dos romances de *Terrail*, da magnificencia do scenario, da luxuosidade do guarda-roupa e... mais nada.

Conhecendo o publico como nenhum outro e urdindo as peças com extrema facilidade, as suas personagens, uma vez achada a situação, giram em volta d'ella com uma mestria inegualavel, mas carecendo em absoluto de verdade psychologica. Os caracteres, ligeiramente esboça-

dos, não conseguem dar-nos um typo, nem marcar uma individualidade; — descurava por completo este assumpto. Arreigado aos processos antigos, conseguiu, no entanto, crear em volta do seu nome uma certa aureola de fama, mas isso não obsteu a que acabassem por o acoimar de retrogrado e articulador de fantoches. Ferido então no seu amor proprio, comprehendendo as exigencias do theatro moderno e querendo acompanhar a sua evolução, ensaiou uma tentativa, e n'um supremo esforço de vontade atirou para a scena com o *Espiritismo* — peça de these — dizia. Não logrou, porém dissipar a corrente desfavoravel que contra elle se movia, porque o *Espiritismo*, longe de apresentar ideias ou discutir uma these, encerra apenas umas duas ou tres maximas de moral, e aos que possam apodar-me de pessimista remetto-os para o grande critico francez *Max Nordau*, um dos mais fervorosos defenso-



José Lopes

O gigante algarcio

A nossa gravura dá bem a idea da sua altura descommunal. Tem 2",08, pés e mãos enormes, e os seus passos estão em harmonia com o tamanho das pernas. Não pode dormir na cama... pela simples razão de não haver cama que lhe chegue para se estender á vontade, sem risco de magoar os pés ou fazer algum gallo na cabeça. Dentro d'um trem, onde qualquer de nós passeia muito á vontade, José Lopes vae incommodadissimo porque tem que ir todo dobrado.

Este verdadeiro gigante, que actualmente se encontra exposto ao publico, veio a Lisboa para ser inspecionado para o serviço militar, causando assombro em todos os medicos e officiaes que o viram. Claro está que foi reprovado.

res da obra de Sardou, mas que no seu livro *Vue du dehors* é o primeiro a reconhecer a fallibilidade do mestre n'esta peça.

A questão dos venenos é a celebre questão historica da tentativa de envenenamento contra Luiz XIV por intermedio involuntario de uma das suas amantes — Madame Montespan. Todas as personagens são rigorosamente historicas, a não ser a do *Abade Grifard*, uma figura tallhada para a sympathia do publico, que faz derruir com argucia todos os projectos malevolos e criminosos dos inimigos do rei, um sêr prodigioso que tudo adivinha e prevê, collocando-se do lado dos fracos a protegê-los com a sua palavra; heroico umas vezes, submisso outras, destemido e arrojado, o que não obsta a que se faça prender, deixando-se passar por ladrão ao arrecear-se de um perigo, para assim, escollado, escapar a elle, — *truc* já velho de que Sardou tirou partido para um fecho de acto.

Nada mais de especial tem o entrecho, que, áparte os nomes das personagens, tanto se poderia applicar á corte faustosa do *Rei Sol*, como á de qualquer outro. Attentados d'esta natureza houve em todos os paizes em todas as épocas e contra todos os imperantes. A calumnia, a intriga e o crime foram sempre, na historia, logar commun.

A peça no entanto tem condições para agradar ao publico e por isso deve fazer carreira entre nós, tanto mais que a empresa do **Principe Real** a montou com um luxo desusado de guarda-roupa e scena-

rio — este ultimo devido aos pinceis de A. Rovescalli, Luiz Salvador e J. Viegas, que no quinto acto nos apresentou um salão primoroso.

A traducção de Accacio Antunes e Marçal Vaz tem uns pequenos senões devido talvez á precipitação com que foi feita, mas ouve-se.

Pato Moniz no *Abbate Grifard* foi excellente; apresentou um trabalho completo, consciencioso e podemos assegurar que este papel lhe marcou mais uma *etape* na sua carreira artistica já assignalada por outros trabalhos de valor. Teve scenas felicissimas. Antonio Pinheiro, que

nhias de provincia, mas que nos pareceu um bello elemento e com recursos.

E... tenho dito.

Ruy.

Por enquanto só estão abertos dois theatros mais: a **Trindade** e o **Colyseu**.

N'aquelle *bat son plein* a esplendida e espirituosa revista *O paiz do*

THEATROS

Principe Real. — A questão dos venenos



3.º acto

tambem marcou e ensaiou a peça com o alto criterio que todos lhe conhecem, houve-se muito bem na parte de *La Reynie*. No quarto acto foi sublime de naturalidade. Ernesto Vieira no Luiz XIV, papel avesso ao seu temperamento artistico, defendeu-se bem. Carlos Leal, n'uma pequena rabula, muito correcto. Gil, Luciano, Setta da Silva e todos os mais diligenciaram e conseguiram agradar. Lucinda na *Madame Montespan*, bem, como sempre, do mesmo modo que Amelia Pereira, na *Voisin* e Adelia, na *Madame Ormoize*. Estreou-se uma nova actriz, Herminia Lister, que nos disseram ter representado sempre em compa-

vinho que está aqui a celebrar as suas bodas de ouro. O publico tomou-lhe o gosto e lá está cahido *in magna quantitate* todas as noites.

O **Colyseu** das Portas de Santo Antão, esse é o *rendez-vous* de toda a cidade. Só um empresario como Antonio Santos teria arte e geito de encher em todos os espectaculos o mais vasto salão de Lisboa. E' que as novidades d'este anno multiplicam-se ora na arena ora no palco e quando sae de lá o publico vem encantado com o que viu e applaudiu.

Principe Real. — A questão dos venenos



4.º acto